

Bancos brasileiros em xeque no FMI

Washington — Um total de 29 bancos, com 15,4% do total de depósitos, sofreram intervenção no Brasil, ou receberam apoio oficial para mudar de dono, segundo estudo dos economistas Carl John Lindgren, Gillian Garcia e Matthew Saal. O estudo, distribuído pelo Fundo Monetário International (FMI), mas que não reflete uma posição oficial, registra que 130 países (dos 181 países-membros do FMI) tiveram crises bancárias ou problemas significativos — entre estes, o Brasil.

A solidez dos bancos é um dos principais temas discutidos paralelamente aos encontros oficiais da 51ª Assembléia anual do FMI Banco Mundial, cujas reuniões preparatórias estão sendo realizadas em Washington. "Não é possí-

vel fazer uma boa política macroeconômica sem observar a situação dos bancos", afirmou o diretor do Departamento de Negócios Monetários e Cambiais, Manuel Gutián, durante a divulgação do estudo.

O documento menciona que, de 1994 até agora, de 246 bancos brasileiros, 17 pequenos bancos foram liquidados, três bancos privados sofreram intervenção e cinco bancos estatais ficaram sob administração especial temporária.

Em seguida ao Plano Real, ocorreu forte expansão do crédito no país, porém, com a crise do México, houve um forte aperto monetário e juros crescentes. Um *boom* de empréstimos, em 1994, produziu aumento de 91% nas operações com pessoas físicas, entre o segundo e o terceiro trimestres, e mais

14%, entre o terceiro e o quarto trimestre. Seguiu-se a deterioração dos créditos, produzindo um forte impacto nos bancos, que levou à limitação da oferta de empréstimos.

A insegurança bancária gerou consequências sobre a política monetária no Brasil. Os resultados do Banco Central se deterioraram por causa dos efeitos dos juros sobre os ativos bancários em moeda estrangeira e por conta das operações de esterilização de recursos. A reestruturação dos bancos obrigou a decisões fiscais ou para-fiscais. As linhas de crédito comercial foram preservadas, ou até aumentadas, enquanto juros altos atraíam fluxos de capital externo. Para antecipar-se a crises, as autoridades começaram a mudar as regras e a supervisão bancárias.